

a lição inútil ou carta a um juvenil individualista

Prometi escrever-te — lembras-te? — no momento em que precisasses de mim... Eis-me. Chegaste à idade em que já se dão passos que decidem. Meu jovem amigo, não creio (nem quero) muito que as minhas palavras decidam qualquer coisa em ti... Eu não poderei fazer-te bom se fores mau, nem dar-te o génio que não tiveres, nem ensinar-te elegâncias que não presintas. Mas crê: tenho-te observado. Sei que há em ti possibilidades várias, e que és dum estófo rico... Nem eu te escreveria se assim não fôsse. Assim, ousou erguer-me na encruzilhada que te disputa: Categórico e simples como um marco de pedra, digo-te: «Daqui a tal parte, tantos quilómetros. Daqui a tal parte, tantos quilómetros. Daqui a tal parte tantos. Edecetra». Forçosamente o teu olhar reparará em mim. Se quizeres e puderes acreditar um pouco no marco de pedra, considerarás certas distâncias... Talvez isso te ajude a escolher um dos teus muitos caminhos da encruzilhada. Um dos teus muitos. Porque também te não aconselho a seguir qualquer um — mesmo bom! — que te venha de fora... E ei-me insensivelmente chegado ao teu erro primeiro. Perdôa-me — eu tenho de te falar quasi brutalmente dos teus defeitos. Crê que ponho delicadeza nessa brutalidade: Eu odeio os teus defeitos porque eles te vulgarizam ou diminuem a meus olhos; mas amo-os porque eles são o atestado da tua mocidade — a prova da tua possibilidade de vir a ser um homem seguro. Ainda não seres um homem seguro enternece-me bem mais do que já seres um homem seguro. Crê: na minha brutalidade esconderei uma delicadeza mais profunda do que ela... Mas eu falava — não é? — do teu defeito primeiro de tenderes a resolver as tuas indecisões, aceitando o primeiro braço forte e bem vestido que se te imponha oferecendo-se... Ah! meu jovem amigo! A que ingenuas coisas mesquinhas, a que banaes perversões de gosto e juízo, — essa tendência tão natural à tua juventude te arrasta! Exemplifiquemos com as pequeninas coisas — às vezes bem reveladoras: Julgas-te superior à opinião pública, quando afinal te lhe sujeitas preocupando-te com irritação, com surpresa, com desafio. Ser superior à opinião pública — o que isso representa de certeza de si próprio, de vida pessoal, de aprofundamento dos homens, de renúncia orgulhosa, de simplicidade atingida! E como certos grandes homens obscuros — verdadeiramente superiores, isto é: indiferentes à opinião

pública — *parecem* ridículos ou insignificantes...! *Parecer* ridículo ou insignificante (mesmo aos olhos daqueles que menosprezam) eis ao que te não resignas. És capaz de passear em Paris com uma tartaruga puchada por um fio de seda... Ou de ir a um baile com os cabelos pintados de verde. Oh! eu compreendo o exaspêro de sensibilidade, o gosto da excentricidade, a afirmação de narcisismo, a necessidade de revolta, de jactância, de reivindicata e desafio que tais atitudes representam! Mas isso irrita — não chega pois a parecer ridículo nem insignificante. Além de que... Baudelaire ou Wilde passendem-te o braço. Porque não és tu capaz de atravessar uma rua central com meio quilo de café — metido num cartucho que exiba o rótulo da mercearia? Não é que eu te aconselhe a que o faças — se tal te repugna — porque variar de modelo não é deixar de ter modelo. O marco limita-se a marcar: «De tal parte a tal parte, tantos quilómetros». Deixa-me ter êste grito: «Que ridículo que é o medo do ridículo!» e passemos adiante. Ou antes: continuemos. Continuemos, porque todos os teus simpáticos e graves erros andam à volta disto: Queres ser um independente — mas um jardineiro da tua independência. Cultiva-la e talha-la — como quem cultiva e talha uma rua de buxo, com tesouras emprestadas pelo vizinho e segundo os últimos desenhos de ruas de buxo. Meu jovem amigo, tu podes ser naturalmente um homem da moda: Um *excêntrico* elegante, prudente, feliz — de quem os outros que tais digam: «E' um rapaz encantador! E' um homem moderno!» E se vieres a ser só isto por indole, crê: Não voltarei a escrever-te uma carta pesada como esta. Não serás então um grande Artista nem um grande Homem — mas talvez sejas uma criatura feliz: O que, segundo o ponto de vista, pode ser superior ou inferior a ser grande Artista e grande Homem. Porém, cautela: Se queres ser feliz, nunca te cegues, ou ilumines (é segundo o ponto de vista) com a consciência da tua inferioridade ante os verdadeiros excêntricos. Da janela dos salões onde serás considerado um amável *original*, chegarias a ter inveja aos pobres que pedem, aos garotos dos jornais, aos poetas fósseis que ainda vivem numa trapeira, aos doidos que ainda buscam a pedra filosofal, aos misantropos que se enterram a construir uma obra, às mulheres que pagam com o seu corpo a livre satisfação dos seus caprichos, aos homens que se fazem pagar por essas mulheres — a todas estas caricaturas da independên-

cia! da originalidade. A inquietação e a perversão entrariam em ti. Meu joven amigo, serias então um falhado. A não ser que viesses a ser um grande Poeta miserável... Ah! meu joven amigo! como me custa escrever-te estas palavras pesadas e feias! Mas o que é certo é que a verdadeira originalidade é tão natural e tão fácil quanto difícil de ser vivida com os homens. O que num indivíduo há de mais independente — é desagradável a todos; mesmo aos panegiristas da independência. E o que nêle há de mais original — nunca chega a ser compreendido; ou só o chega a ser um pouco — demasiado tarde para a sua felicidade da terra. Como vês, não quero lisongear-te com ilusões. Nem quero forçar-te a qualquer caminho que te venha de fora. Variar de modelo não é deixar de ter modelo. O marco de pedra limita-se a marcar: «De tal parte a tal parte, tantos quilómetros». Passemos adiante. Ou antes: continuemos. Continue-mos, porque o muito que eu tinha a dizer-te far-me-ia perder-me se me afastasse. Mas afastar-me... de quê? Eu não sou capaz de me poder afastar da eterna questão: Ser ou não ser. Esta velha questão, meu joven amigo, parece-me poder ser posta de modos vários. Ser ou não ser isto ou aquilo — Ah! como isso me parece igual! Que delicadezas morais tenho achado em certos indesejáveis, e que chateza moral, que falta de qualquer elevação, que cegueira do coração e do cérebro na honradez de certos homens honrados! Que velhice mal disfarçada em certos aclamados representantes do espírito novo, e que adivinhação do presente e do futuro em certos solitários esquecidos! Ser passadista ou modernista, republicano ou monárquico, aristocrata ou democrata, nacionalista ou universalista, civilizado ou primitivo, social ou homem à margem — Ah! como tudo isso me parece igual, indiferente, insignificante...! Meu joven amigo, eu tremo pelo atrevimento das minhas palavras; e pela incompreensão que elas podem ter. Mas como tudo isso me parece igual, indiferente, insignificante — ao pé desta coisa luminosa: Ser de determinada maneira pessoal e fatal — qualquer coisa que se seja! No *como* cada um é qualquer coisa (quer por de facto o ser, quer por o querer ser, quer por o julgar ser) está o verdadeiro individualismo, a verdadeira independência, a verdadeira originalidade, a medida de cada um. Bem me custa, crê, escrever-te estas coisas abstractas e massadoras. Mas tenho de continuar, perdôa. Se te julgas elegante por vestir e parecer bem, perdôa ainda: mas enganas-te. Porque te não revelarás elegante mesmo vestindo e parecendo mal? Olha que será mais belo! E se julgas fazer consistir o teu valor, a tua originalidade, a tua coragem, em ser ou não ser elegante, em ser ou não ser moder-

nista, em ser ou não democrata, em ser ou não ser social, em ser ou não ser racionalista, etc., etc., (Não faltará quem te louve ou condene por seres ou não seres qualquer coisa) enganas-te ainda mais. O teu individualismo, isto é: a tua contribuição individual à humanidade, isto é: o teu valor de homem — está no fatal como serás o que sejas, quer de facto sejas o que és através do que és (o que será bom) quer sejas o que és através do que erradamente julgas ser, queres ser, pareces ser, finges ser. Em suma, joven amigo: O individualismo e o valor do individualismo de cada um — está na interpretação de cada um a qualquer coisa. Interpreta-me como quizeres (eu digo: como puderes), e passa! Passa por cima do marco de pedra. O marco de pedra não deixará de marcar: «De tal parte a tal parte, tantos quilómetros». A triste sabedoria do marco de pedra — vem-lhe de já ter andado êsses quilómetros antes de ser marco de pedra: antes de se vir implantar na tua encruzilhada. Ah! como é antipática, triste, e poderosa, esta palavra da boca dos senhores grisalhos: «Eu já por lá passei!» Teria eu a coragem de a pronunciar se fôsse um velho? Não sei. Mesmo assim, ela te bastará para instintivamente te afastares de mim: O que humanamente me atormenta, e segundo as minhas teorias me alegra... Já me tornei aborrecido, e quanto!, não é verdade? Mas deixa-me dizer-te ainda duas palavras (descansa: são duas palavras quasi poéticas) a propósito duma expressão que atraz tive. Disse eu: *O teu individualismo, isto é: a tua contribuição individual à humanidade...* Isto quer dizer que todo o individualismo intransigente para com os individualismos alheios — é um tesoiro de oiro falso que só ao seu avaro possuidor engana. Quando o avaro descer à praça a trocar a sua moeda, os que tem lume no olho, ouvido fino, e tacto nas mãos gritarão: «O teu oiro é falso!» Uma pedra das ruas é uma pedra; um cravo não pensa mas tem côr e perfume; tu és quem és e como és quem és. Livre sejas tu de suprimir para ti grande parte daquilo de que tu mesmo fazes parte; grande parte do mundo. Livre sou eu de afirmar que o verdadeiro individualista tem de ser superior a certo seu individualismo para ser coerente com o individualismo. E o marco de pedra continuará a marcar: «De tal parte a tal parte, tantos quilómetros». Até que tu lhe passes a frente, lhe fujas para traz, ou te desvies para os lados. Porque se elle te fala, não é positivamente para que tu fiques parado à sua sombra... Adeus enfim, querido e joven amigo. Deixa-me beijar-te na testa, como um irmão mais velho, e apertar-te as mãos ambas como um amigo que parte. Isso me dará a impressão de te haver dito o muito que me ficou por dizer-te.

José Régio.

